

ENTRE IMAGEM: CORPOS HÍBRIDOS

Autor(a): Claudia Andrea Diaz Tavares da Silva¹

Orientador(a): Ana Tereza Prado Lopes²

Resumo

Caminhar é uma prática meditativa para o meu processo criativo. Construo a partir do entendimento que há com as relações que ocorrem durante a constituição do trabalho. Meu corpo atravessa o território e a paisagem me atravessa, então o gesto de coletar coisas que me capturam e o ato de fotografar, criam o elo do entre lugar da imagem. Esse elo, entre os objetos e o meu corpo, ocorre ao manipular o campo simbólico para incluir e alterar novas percepções de mundo e questionar identidades e pertencimentos. A memória é a própria vivência, onde a deriva conduz a coleta de algo de dentro da clausura auto poética, pois a singularidade do ser constituído sempre retira do entorno aquilo que é necessário à sua sobrevivência. Quando penso, caminho. Entender o tempo interno do próprio processo criativo é assumir-se como respondente e expandir as formas de se habitar e comunicar, criando uma relação de existência do trabalho no mundo. Sou um ser simbólico e movo minha matéria num mundo simbólico, onde o campo vibracional ritualiza e, deslocar elementos do cotidiano para o campo da arte, e vislumbrar com que as pessoas enxerguem modos novos de ver, é conectar o fazer artístico aos conteúdos, espíritos e possibilidades de existência. Caminhar é meu ato criativo de constância e possibilidades, um exercício de resistência à exclusão territorial e aos silenciamentos. Me utilizo da coleta na busca da completude de tudo que está nu. Voltar a origem das imagens que ligam memórias e raízes, é como reencontrar meu inato, pois o corpo tem memória e há uma relação direta com o espaço que ocupa e atravessa. O SER é uma questão fundamental para mim e ao reescrever meu exílio, procuro buscar o que me religa. Tenho o corpo como relicário e oráculo, um território em que habito e manipulo o simbólico para incluir e alterar novas percepções. Questionar como vejo o mundo e observar meu corpo e o espaço que ocupo, são instâncias da minha metodologia de caminhada e coletas. Faz parte da minha profissão de artista reconfigurar camadas, espaço e tempo psicológico. Sou uma curadora do mundo, pois todo material coletado vai para o ateliê, minha maloca de cocriar outras paisagens e novos mundos. O corpo é para

¹ Aluno(a) do curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

² Professor(a) do curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

estar em movimento. As práticas ancestrais e ecológicas, modificadas pela cultura dominante desconectaram nosso corpo da natureza. Há no corpo uma indagação estética e política. A função da folha é produzir alimento para a planta e liberar oxigênio. E qual é a função dos corpos não heteronormativos? Uso folhas secas na fotoperformance, pois coletei e não arranquei da natureza, além do que a folha seca, é um elemento que traz muitos signos e significantes e, faço a analogia da folha a um espelho e máscara, pois funciona como um instrumento de autoconhecimento, capaz de multiplicar perspectivas e a própria existência e vivência de corpos híbridos. Uma folha seca é aquela que teve desigualdade entre a disponibilidade natural de água e a procura. Há na folha seca um espaço que encolhe, e evidencia a rejeição das diferenças, uma deformidade e toda a efemeridade de um instante. Uso a fotografia para performar e investigar relações de corpo, gênero e território. Me interessam as brechas e as ressignificações, pois como vejo o mundo e observo o espaço ocupado por meu corpo, performo e registro. Os conceitos que norteiam meu trabalho, são a caminhada como ato de movimento e apreensão do mundo, a deriva como trajeto orientado pelo interesse e aberto aos sentidos e o corpo como relação de sujeito com o mundo, marca cultural e de gênero. O corpo é o ponto de vista e de partida do meu trabalho, ativando a percepção e os hibridismos junto à natureza, pois fronteiras são um campo de luta e de negociação, onde ressignificar elementos e identidade, é reinventar possibilidades de existir e habitar, através da permeabilidade entre arte e vida e o autorretrato. Reflito minha existência e essência. O meu processo criativo é composto por duas etapas bem definidas. São a caminhada e coleta e o preparo do material coletado para o registro performático e as sessões fotoperformáticas. Minha conexão com a terra, faz com que o simples andar se transforme em uma meditação e, assim transfiro essa energia para a obra, posto que cada coleta passa por um ritual de purificação, antes de ser experimentado e acoplado ao meu corpo e gerar fusões, mimetismos e outras identidades. Hibridismo é uma palavra apropriada da biologia. Uma definição taxonomicamente como a junção de dois seres de espécies ou categorias taxonômicas diferentes, cruzando entre si para formar um novo ser, que é denominado então, híbrido biológico. Mover-se é desbloquear e potencializar o caminho entre arte e vida, e uso fotografias digitais impressas em papel fotográfico sem margem, a partir de fotoperformances, como Autorrepresentação daquilo que implica em uma nova identificação.